

Constança Marcondes CesarJosé Maurício de Carvalho ¹DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.2025.v16.1256>**Resumo**

Constança Marcondes Cesar tem contribuições importantes para o pensamento brasileiro e na filosofia contemporânea, com destaque para estudos sobre fenomenologia e cultura. O artigo contém uma síntese de suas contribuições sobre o pensamento brasileiro apresentadas em diversos colóquios e congressos. Dessas contribuições o mais significativo foi a interpretação da obra de Vicente Ferreira da Silva e a identificação de uma escola de São Paulo, usada para se referir aos intelectuais que circularam a sua volta. Desses destacam-se Eudoro de Souza e Agostinho da Silva que deram densidade ao legado filosófico de Ferreira da Silva. No âmbito de seus estudos de fenomenologia e pensamento contemporâneo realçamos os estudos sobre Paul Ricoeur e Hannah Arendt. Na obra de Antero de Quental, Constança enxergou elementos que anteciparam a grande problemática fenomenológica e existencial que amadureceu na obra de Husserl e Heidegger. Porém, o trabalho de maior envergadura foi sobre a filosofia de Evangelhos Moutsopoulos. Ela comparou as conclusões desse autor com as principais contribuições do culturalismo brasileiro, especialmente com o trabalho de Miguel Reale que ela conheceu bem.

Palavras-chave: Filosofia Brasileira. Escola de São Paulo. Fenomenologia.

¹ Possui graduação em Psicologia, Filosofia e Pedagogia pela Universidade Federal de São João Del Rei (respectivamente em 1980, 1983 e 1984); especialização em filosofia clínica (2005) e em prática clínica (2018), pelo Instituto Packter de Porto Alegre; em Teologia: Fé e diálogo no mundo contemporâneo, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1986) e doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho (1990). Realizou estágios de pós-doutorado na UFRJ (2002), na Universidade Nova de Lisboa - Portugal (1994), ambos em Filosofia e, mais recentemente, na UFJF em Psicologia (2020). Atualmente é professor do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves onde atuou como Professor no Curso de Psicologia e atualmente Coordena o Comitê de Ética nesse mesmo Centro Universitário (UNIPTAN). Professor Titular de filosofia contemporânea aposentado da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Tem experiência na área de Filosofia, atuando principalmente em filosofia contemporânea, especialmente em fenomenologia e ética. É Psicólogo Clínico atualmente atuando em consultório (CRP04-3051). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3534-5338>. E-mail: josemauriciodecarvalho@gmail.com.

Abstract

Constança Marcondes Cesar has made important contributions to Brazilian thought and contemporary philosophy, particularly her studies on phenomenology and culture. This article summarizes her contributions to Brazilian thought, presented at various colloquia and conferences. Among these contributions, the most significant was her interpretation of the work of Vicente Ferreira da Silva and the identification of a São Paulo school, used to refer to the intellectuals who circulated around him. Among these, Eudoro de Souza and Agostinho da Silva stand out, adding depth to Ferreira da Silva's philosophical legacy. Within the scope of her studies of phenomenology and contemporary thought, her studies on Paul Ricoeur and Hannah Arendt are noteworthy. In the work of Antero de Quental, Constança saw elements that anticipated the major phenomenological and existential problems that matured in the work of Husserl and Heidegger. However, her most significant work was on the philosophy of Evangelos Moutsopoulos. She compared this author's conclusions with the main contributions of Brazilian culturalism, especially with the work of Miguel Reale, whom she knew well.

Keywords: Brazilian Philosophy. São Paulo School. Phenomenology.

1. Considerações iniciais

Constança Marcondes Cesar² tem estudos sobre ética, pensamento contemporâneo e filosofia brasileira. No que se refere aos últimos, ela os desenvolveu como capítulo da filosofia ocidental como fica explícito no seu texto sobre Silvio Romero onde diz (Cesar, 1996, p. 299): “é na perspectiva do neokantismo e do cientificismo que Romero assinalou a morte da metafísica clássica.” Nesse sentido também escreveu o prefácio de nosso livro *Ortega y Gasset e nosso tempo* destacando a contribuição do pensador espanhol para entender o mundo em que vivemos, inclusive oportunizando um diálogo com os filósofos brasileiros. Ela também estudou autores

² Constança Marcondes Cesar nasceu em São Paulo em 1945. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1966) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973). Livre docente pela PUC de Campinas. Começou a docência superior na Faculdade Paulista de Serviço Social e depois foi para a PUCCAMP. Integrou o grupo que criou e depois tornou-se editor responsável pela revista *Reflexão*. Na PUCCAMP trabalhou como professor titular até 2010 e depois assumiu o cargo de Professor adjunto da Universidade Federal de Sergipe até 2015; membro do Conselho do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Católica Portuguesa. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia contemporânea, ética, filosofia, hermenêutica e filosofia francesa. Membro do conselho das revistas, *Diotima* (Atenas), *Nova Águia* (Portugal), *Prometeus* (Brasil) até 2015, *Entre Culturas* (Portugal), *Evocati* (Brasil), *Reidese* (Brasil), *Utopia y Praxis Latinoamericana* (Venezuela); membro do conselho editorial e de consultores da revista *Estudos Filosóficos* (Brasil); editor da revista *DIKÉ* do Pós Graduação em Direito da UFS em 2011, editor-ajunto da Revista de Propriedade intelectual :Direito Contemporâneo e Constituição, membro do comitê científico da revista *Reflexão* da PUCAMP. Integra o GT Filosofia Contemporânea de Expressão Francesa.

clássicos da tradição como os fenomenólogos em geral, notadamente Paul Ricoeur, Martin Heidegger e Hannah Arendt. Dessa última fez brilhante síntese do pensamento destacando o que caracteriza a vida humana. Ela destacou (Cesar, 2018, p. 233): “o labor, atividade voltada para a sobrevivência quer individual, quer coletiva, o trabalho, atividade criadora, através da qual o homem constrói objetos que caracterizam seu mundo e a ação.” Aqui também abriu espaço para o diálogo com Celso Lafer. Porém o estudo mais significativo sobre um filósofo estrangeiro está no belo livro sobre a filosofia de Evanghélos Moutsopoulos.

No que se refere à filosofia brasileira participou de muitos colóquios deixando sua interpretação da maioria de nossos pensadores. Devemos destacar os estudos que fez de Miguel Reale e de Vicente Ferreira da Silva, esse último ela considerou o articulador, ou criador, do que denominou escola de São Paulo. Ela avaliou que a filosofia de Ferreira da Silva ganhou força no diálogo com Agostinho da Silva, Eudoro de Souza e Delfim Santos. Desse modo ela se abriu à investigação de autores portugueses que são também parte da tradição ocidental, mas que tem uma aproximação com os nossos pelo uso comum da língua portuguesa. Desse modo, entrou também e deixou sua contribuição naquilo que ficou conhecido como tradição luso-brasileira.

Como filósofa de inspiração cristã deu especial atenção à noção de pessoa humana, que é um dos objetos centrais da filosofia brasileira.

2. O trabalho historiográfico

Quando se pretende apresentar o legado de Constança Marcondes Cesar para os estudos filosóficos devemos começar por suas contribuições para o desenvolvimento da metodologia do estudo da filosofia brasileira. Em artigo publicado em 1986 intitulado *A filosofia contemporânea no Brasil*, Constança Marcondes César acompanhou Antônio Paim, reconhecendo que os movimentos filosóficos contemporâneos no Brasil representam uma reação ao positivismo em nome de um novo conceito de ciência e com o propósito de desenvolvimento de uma nova metafísica.

Um aspecto fundamental dessa proposta metodológica é considerar os estudos de filosofia brasileira como parte da tradição ocidental, de modo que Constança não deixou de examinar autores e temas clássicos da grande herança filosófica que vem da antiga Grécia. E, tendo como pano de fundo, a tradição filosófica ocidental, pode avaliar

a contribuição e a localização dos autores brasileiros pelo diálogo que estabelecem com ela. Tendo esse pano de fundo, ela olhou com grande atenção os filósofos portugueses que estiveram em diálogo com os nossos autores ou mesmo que moraram e trabalharam no Brasil.

3. Culturalismo brasileiro

Entre os autores que Constança Cesar examinou mais atentamente encontra-se o *jus filósofo* Tobias Barreto. Para ela o pensamento do criador do culturalismo brasileiro passou por fases bem definidas antes de aderir ao neokantismo. O assunto mereceu animada polêmica com Antônio Braz Teixeira que entendeu de outro modo o legado de Tobias Barreto. A interpretação de Constança Cesar estava de acordo com outros estudiosos da filosofia brasileira, entre os quais Antônio Paim. Todo esse debate foi resumido e se encontra inventariado na terceira edição da *Contribuição contemporânea à história da filosofia brasileira* (2001).

Para a interpretação do pensamento tobiático, Constança Marcondes Cesar deixou estudos importantes. Ela escreveu que sua (1991, p. 103): “breve aproximação com o ecletismo espiritualista não resiste o impacto da crítica veiculada então na Alemanha, pela esquerda hegeliana: Strauss, Feuerbach e, na França, por Taine, Renan”. E mais adiante esclareceria: “É na obra de Kant que o filósofo pernambucano vai buscar a possibilidade de renovação da metafísica. A inspiração neokantiana é clara no pensamento maduro do nosso autor” (id., p. 104). Essas três navegações, a passagem pelo positivismo e ecletismo, antes da adesão ao Kantismo, são mais bem observadas nos textos de Filosofia que nos de Direito.

Em outro trabalho ela seguiu avaliando a geração seguinte a de Tobias e se deparou com o pensamento de Miguel Reale, de quem foi boa intérprete. Ela trabalhou o tema da justiça no pensamento de Reale, mas seu trabalho mais relevante sobre o *jus filósofo* brasileiro foi sobre a dialética da complementaridade, que aproximou o pensamento fenomenológico da tradição neokantiana. Sobre esse assunto escreveu (Cesar. 1998, p. 241): “Nela o sujeito cognoscente não tem valor absoluto, mas preponderante e a relação complementar se mostra como irrecusável, tanto no que diz respeito ao mundo da natureza, quanto no que tange ao mundo da cultura”.

4. A noção de pessoa

O tema da pessoa é nuclear no culturalismo brasileiro e essencial no pensamento cristão. Um resumo de como o assunto evoluiu na tradição ocidental encontra-se na clássica *História das ideias filosóficas no Brasil* de Antônio Paim.

Uma síntese dos momentos mais importantes dessa evolução desde suas raízes cristãs com Agostinho de Hipona, passando por Boécio até as formulações modernas com Emanuel Kant e os autores contemporâneos, sem deixar de mencionar os brasileiros como Ubiratan Borges de Macedo e Antônio Paim encontra-se na *Contribuição contemporânea à História da Filosofia Brasileira*. Ali mostramos que (Carvalho, 2001, p. 409): “a preferência da filosofia brasileira pelo tema do homem (visto como pessoa) pretendeu esgotá-lo enquanto agente livre.”

Miguel Reale sistematizou o assunto que apareceu em diversos representantes da escola culturalista (Tobias Barreto, Djacir de Menezes por exemplo) falando de um personalismo axiológico. Sua formulação possui os mesmos elementos que estão nas filosofias personalistas do século XX. Em sua construção o (Carvalho, 2011, p. 157):

Personalismo axiológico incorporou, portanto, a questão da história na vida humana. A própria experiência de liberdade possui uma dimensão histórica. A liberdade é vivida por um membro da sociedade, ou melhor, por alguém que integra uma comunidade de pessoas livres. Trata-se de construir uma linha de passagem da liberdade radical – raiz de valores – para os dramas históricos vividos por diferentes gerações.

Miguel Reale resumiu os elementos constitutivos mais significativos da compreensão moderna na fórmula (id., p. 158): “o ser do homem é seu dever-ser. O homem é fonte dos valores, mas também incorpora valores por conta de sua condição ôntica”.

Constança Marcondes Cesar em coautoria, também trabalhou a ideia de pessoa a partir da fenomenologia de Paul Ricoeur, mostrando como, na formulação daquele filósofo, o conceito foi aprofundado na tradição filosófica, inclusive na filosofia contemporânea. Essa noção, acrescentou, foi aprimorada, com as contribuições muito significativas de Freud, Nietzsche e Marx.

Miguel Reale, o principal de nossos filósofos do século passado, utilizou o conceito de pessoa no campo do Direito, no que não fez diferente de outros filósofos contemporâneos. Cesar observou que o estudo da pessoa em Ricoeur seguiu o mesmo

caminho do *jus filósofo* brasileiro e desembocou (Barros e Cesar, 2015, p. 56): “nos planos jurídicos e moral.” E através da mesma noção de evolução presente no historicismo axiológico de Reale, que as autoras mostraram como a noção de pessoa, segundo Ricoeur, experimentou um progressivo enriquecimento na compreensão do homem e da vida social. Assim, Ricoeur reconheceu uma (id., p. 57): “busca de ordem ascendente, ele nos apresenta as mediações de ordem interpessoal e institucional que possibilitaram a transição do sujeito capaz a um sujeito digno de direito.” Essa noção foi um trabalho desenvolvido na tradição cultural. Assim, em Reale como em Ricoeur (*ibidem*): “o pensamento filosófico desde seus primórdios, valorizou a autoconsciência, a busca de um saber verdadeiro sobre si mesmo.”

Constança observou também na meditação de Aquiles Cortes Guimarães, profundo intérprete de Edmund Husserl e da fenomenologia, um pensamento que associou o conceito pessoa com o Direito. Esse caminho ele fez a partir da (Cesar, 2015, p. 379): “meditação de husserliana, da fenomenologia de Scheler, na tradição kantiana e na reflexão de Miguel Reale.” E assim sistematizou Constança (*ibidem*): “Para Cortes Guimarães, falar sobre a fundamentação do Direito é falar sobre o homem como pessoa, capaz de distinguir valores, de ser-com-os-outros, de ser-no-mudo e nele construir sua apreensão de justiça.”

Constança mostrou que a reflexão de Ricoeur sobre o homem levou à noção de pessoa. Esse foi o tema central de Reale, que substituiu a ideia de homem livre e responsável por pessoa, isto é, apontando que o homem é um valor e o mais importante e central de todos. Dessa forma, os trabalhos de Constança, reconhecem semelhanças na forma como Ricoeur, Cortes Guimarães e Miguel Reale trabalharam o conceito de pessoa e sua relação com o Direito.

5. Uma Filosofia da Cultura

O estudo sobre a cultura de Constança incluiu a contribuição de Evanhélos Moutsopoulos para entender a crise da sociedade contemporânea, bem como para o seu ultrapassamento, em vista da realização do homem. Moutsopoulos é um filósofo grego que construiu uma filosofia de cultura alicerçada em valores universais, que ele considerou já se encontravam identificados na antiguidade clássica. A sua filosofia é uma proposta de atualização destes valores. Essa leitura está de acordo com nossa

compreensão atual de que o enfrentamento da sociedade líquida passa pelo diálogo com a tradição para identificar valores capazes de enfrentar um tempo desinstitucionalizado.

Nosso tempo viu aparecer uma falsa versão do cristianismo associada a um conservadorismo anacrônico incapaz de entender a atualidade e seus desafios. E assim surgiram mais de uma geração perdidas na mesma crise de cultura que se alonga desde o último século, mas que têm dificuldade para conversar, debater, de reconhecer e dar razão. Isso porque a massa contemporânea perdeu o compromisso com a verdade, e não aceita o diferente. É incapaz de entender seus desafios e problemas, recusa a tradição, mas paradoxalmente adere ao fanatismo religioso e ao radicalismo nazifascista do século passado. O resultado foi a radicalização de crenças não meditadas que alimentou a anti razão, a anti ciência, o terraplanismo e difunde a superficialidade, desprestigiando a existência singular ou autêntica, livre e responsável.

Essa realidade desafia a recuperar a noção de historicidade da existência, a explicar que a vida não se fecha no presente, nem no imediato, pede relações respeitadas, pede também a defesa de uma ampla liberdade não apenas para o capital. Pede um olhar amplo sobre a liberdade que inclua o diferente e para recuperar o papel social do Estado. O Estado, no mundo líquido e inseguro, foi transformado em delegacia de polícia, expressão utilizada por Zygmunt Bauman em *Babel*.

Uma proposta de diálogo com a tradição, em direção parecida com a do filósofo grego, foi sistematizada no livro *O enigma do inconsciente e a força da subjetividade* que esmiuçou a atual crise de cultura, o que os intelectuais disseram dela, atualizou-se e incorporou-se aspectos atuais de uma existência inautêntica e a necessidade de conversar com o mundo líquido. De que crise se fala (Carvalho, 2022, p. 33):

De compreensão do que é a ciência e de humanidade, dissera Husserl; de crenças pelas quais se viva acrescentaram Buber e Ortega y Gasset. Esse último falou mais: crise de massas superficiais e sem preocupação com a excelência; perda de valores, notou Scheler; de orientação para viver, preferiu dizer Karl Jaspers; de autenticidade, emendaria metafisicamente Martin Heidegger; crise de liberdade, avaliava Jean Paul Sartre; do que fazer na história afirmara antes Sören Kierkegaard; de um mundo que matou Deus, escreveu Friedrich Nietzsche; crise pelo ocultamento de Deus, retificou Martin Buber. Todos procurando explicar as mudanças e as dificuldades que a vida trouxe. Viver nunca foi fácil, mas nunca foi tão perigoso. De que perigo falamos? De o homem se perder sem humanismo, de ignorar todos os ensinamentos da tradição humanista do ocidente. Pois bem, tornou-se um desafio viver nesse tempo de massas superficiais. Resumindo o que se passava na sociedade, ela ficou sem uma forma clara, parece 'leve', 'líquida', 'fluida' resumiu o sociólogo Zygmunt Bauman. Um tempo em que a vida se ajusta a forma de cada momento.

Mesmo sem enumerar os meandros dessa crise, a proposta de Constança era construir uma ponte para ligar nossos dias com a tradição filosófica, não para repeti-la, mas para descobrir novos caminhos e foi isso que ela viu na filosofia de Evagghélos Moutsopoulos. Algo próximo ao que propuseram os culturalistas brasileiros, atualizar os valores nucleares da cultura e usá-los como guias para enfrentar os novos problemas.

No capítulo inicial da obra, Constança situou a meditação de Moutsopoulos na filosofia grega contemporânea. Ela sugeriu, seguindo o depoimento de Roxane Argyropoulos, que o movimento de retorno às fontes iniciais da filosofia grega para tratar das questões contemporâneas, preconizado pelo pensador, é uma tendência fecunda. Dela também participam nomes conhecidos como Castoriades e Kondilis. A origem da problemática assumida por Moutsopoulos vem do Grupo de Heidelberg, pensadores gregos com formação germânica. Havendo estudado na Alemanha, os representantes deste grupo (Théodoracopoulos, Tsatos e Kanellopoulos) tiveram contato e trouxeram para a Grécia as preocupações culturalistas do início do século XX. O movimento culturalista teve grande importância na Alemanha naquele período e surgiu do neokantismo por divergir da interpretação de Cohen e da chamada escola de Marburgo, onde se destacaram Natorp e Cassirer.

O capítulo seguinte é pequeno e apresenta o projeto de Moutsopoulos de elaborar uma filosofia da cultura tendo por inspiração a herança grega. Constança avaliou que seguindo a inspiração germânica, o filósofo (Cesar, 2008, p. 50): “procurou compreender a cultura como processo de estruturação contínua de reformulação do sistema de valores”. Ao voltar-se para a cultura grega, que o filósofo tomou por objeto, Constança a enxergou como referência para tratar do destino humano. O filósofo grego tomou a cultura grega como paradigma para tratar as dificuldades do mundo atual. Para ele, a própria sociedade europeia herdou dos gregos o propósito de realização do ser humano (p. 52): “e a compreensão de sua universalidade e destino”. É na preocupação universalista, encontrada na origem do pensamento grego, que o filósofo encontrou os elementos para a superação do vazio existencial encontrado na sociedade de massa e líquida de nossos dias.

No capítulo terceiro, o principal da obra, a autora comentou o cerne do pensamento de Moutsopoulos. Constança destacou o conceito de *kairós*, que lhe parece central na filosofia da cultura grega contemporânea. *Kairós*, esclarece, é um conceito

encontrado nos textos clássicos de Homero e tinha ali vários significados, conforme fosse relacionado ao tempo, espaço ou à ação humana. O termo foi apropriado por outros autores. Moutsopoulos parte da noção aristotélica de *kairós* para quem o conceito representa (id., p. 58): “o bem do tempo, o tempo liberto das necessidades e o tempo gerador da temporalidade”. A ele acrescenta a noção de kairicidade que se aplica à obra de arte e à consciência humana como criadora de valor e, pelos valores, traduz o propósito de humanização do mundo. Para o autor, diz Constança (id., p. 59): “*kairós* refere-se não ao ser, mas ao sendo no tempo, à mudança, à ruptura ou evolução quanto ao passado”. O propósito de humanização do mundo é uma luta contra as dificuldades da vida e parece-lhe o principal legado da cultura grega. O tempo de criação da arte e de outros aspectos da cultura se opõe ao tempo repetitivo e regular representado por Cronos. Na mitologia grega, *Cronos* e *kairós* são filhos de *Arion*, a eternidade, e simbolizam as atitudes da consciência humana em sua inserção no mundo. Moutsopoulos interpretou *kairós* “associando-o à estrutura do ser, à ideia de desenvolvimento, de humanização do tempo e do espaço, à ideia de ponto de equilíbrio ontológico” (id., p.63/4). Valendo-se da filosofia de Aristóteles e Plotino, ele adotou a compreensão de temporalidade como prospecção do tempo. Nesse sentido fenomenológico, *kairós* é o (id., p. 66): “momento em que a consciência se situa entre o não-ainda e o nunca-mais, apreendendo-se como existência”. No que toca à estrutura do ser, *kairós* representa a sua coesão e vinculada ao valor apontando para a “descontinuidade qualitativa no suceder” (id., p.69). O espaço humanizado que resulta da atividade humana é denominado *kairítico*, representando o lugar onde o homem vive na consciência e também no mundo. Ela comenta que (id., p. 72): “as abordagens ontológica, axiológica e epistemológica se encontram, na apreciação qualitativa da estrutura do ser e nas categorias de sua apreensão”.

Constança aproximou essa interpretação do filósofo grego com a noção de duração bergsoniana, que faz coincidir o ser e o durar presentes nas categorias do não-ainda e do nunca-mais. Constança também enxergou nas ideias de Moutsopoulos uma aproximação com a noção de intencionalidade fenomenológica, atribuindo ao futuro o papel de momento privilegiado da existência. Quanto à sua análise das instabilidades da sociedade atual, o filósofo a insere na história. Quais as grandes crises pelas quais passou a humanidade? A primeira ocorreu na passagem do matriarcado ao patriarcado, a segunda com o surgimento e implantação do cristianismo e a última com a Revolução

Tecnológica. Em todas a causa é a mesma, o impacto de forças externas ou a fragilidade e as lutas internas da sociedade. O filósofo reconheceu o caráter renovador das crises, o que é positivo.

E como enfrentar a crise? Constança resume o pensamento do filósofo dizendo que é mergulhando na tradição para no passado encontrar a inspiração para enfrentar os novos desafios. Comenta Constança (id., p. 100): “é no exame do significado da tradição que nosso filósofo retoma o problema das crises históricas e de sua superação”. Os desafios da vida promovem períodos alternantes do curso histórico onde se sucedem momentos de intensas mudanças e de relativa estagnação. A noção de *kairós* se aplica ao conhecimento necessário à superação das atribulações, no plano ontológico a passagem de um estado fraco a outro mais forte e no axiológico ao surgimento de uma descontinuidade qualitativa e quantitativa no processo histórico. A compreensão da história se afastou da sucessão de fatos vividos e encontrava-se associada a reconstituição interpretativa dos modelos criados para explicar as ações. A interpretação do curso histórico feita por Moutsopoulos pretendeu ir adiante das teses de Toynbee e Bachelard nas quais ele se inspirou. A novidade de sua reflexão é o uso da música como chave da interpretação da história. Moutsopoulos empregou a música dodecafônica que aplicada à história (id., p. 106) “enfoca os eventos como repetição de um mesmo modelo universal sob formas diversas”. A ideia de *kairós*, quando aplicada à passagem do tempo tanto traduz a humanização da sociedade, quanto a superação das instabilidades. O ultrapassamento ocorre no interior das mudanças históricas (id., p. 108): “no instante infinitesimal no qual as duas forças opostas se equilibram e uma estabilidade, embora provisória e precária, impõe-se”. Ao contrário do culturalismo brasileiro, onde Antônio Paim defendeu a irracionalidade do curso histórico, o filósofo grego admite a sua interpretação racional representada pelo movimento pendular. Para ele, a crise atual é denominada de terricídio e é típica da civilização da guerra e da falta de cuidado com a natureza, reconhecendo o valor ecológico como desafio hodierno, nisto fazendo eco com o culturalista brasileiro Miguel Reale. Uma das características da atual tensão é a substituição da importância da noção de tempo pelo espaço, desembocando numa atitude antrópica. A noção de *kairós* traduz a oportunidade de o homem superar os problemas atuais da existência (id., p. 116): “reorientando-a em busca de um ser-mais”.

O capítulo 4 denomina-se *kairós*, *poiésis*, *eleutheria*. Nele a autora resumiu a crítica fenomenológica e da Escola de Frankfurt à sociedade atual. Embora diferentes em pressupostos e interpretação, essas filosofias convergem no reconhecimento do (id. p. 119): “desencanto e consciência da ameaça representada pela perda do sentido humano no mundo contemporâneo”. Tomando Heidegger e Marcuse, respectivamente, como representantes dessas escolas, Constança esclareceu que Moutsopoulos viu nesses autores uma resposta aos problemas da cultura e desumanização que temos enfrentado. E que caminhos eles apontaram? Martin Heidegger se propõe superá-la pela elaboração de uma meta-filosofia inspirada no pensar poético de Parmênides e Heráclito, com a qual espera recuperar o sentido original da técnica. Marcuse, por sua vez, falava do homem unidimensional, afirmando que a tecnologia estrutura novas formas de escravidão, à qual incorpora a ideia de luta entre a vida e a morte retirada da obra de Freud. Em síntese, ambos apontam para (id., p. 126): “a crise da sociedade atual e assinalam a importância da meditação sobre a morte como fonte da existência autêntica” (p. 126).

O filósofo grego, ao contrário dos críticos germânicos, destacava a oportunidade presente na crise atual, sobrepondo-a ao caráter ameaçador identificada no mundo da técnica. Avalia Constança as posições do filósofo grego (id., p. 131): “mostrando a vida da cultura como marcada pelas rupturas necessárias à emergência do novo, evidenciando o diálogo entre o passado e o futuro, através da invenção e da descoberta, nosso autor coloca-se numa perspectiva decisivamente otimista, na qual a ruptura não é mera destruição ou ameaça, mas síntese superadora, em direção à plena expressão do humano”. A expressão do que há de mais elevado no homem se apresenta nas obras de arte, que contemplam um amplo leque de possibilidades de existir.

Na conclusão, a autora destacou o voltar-se do filósofo para a cultura grega da antiguidade, tomando-a como modelo de superação da crise contemporânea. Na cultura grega clássica, o filósofo buscou as noções de *kairós*, de *poiésis* e de liberdade, tomando-as como eixos fundamentais para superar a crise contemporânea. Utiliza, ainda, as fontes: platônico-aristotélica, estoicista e neoplatônica como referências históricas para estabelecer o diálogo com o passado grego. Esse passado é reconhecido como o inspirador do ocidente europeu, que é um produto cultural da civilização mediterrânea. A civilização mediterrânea, cujo pensamento assume caráter universal, fornece os elementos para vencer a crise atual.

O estudo de Constança Marcondes César é importante por nos colocar diante de uma filosofia que, reconhecendo o sentido dramático das dificuldades atuais, indica que elas não representam apenas destruição e ameaça, mas pode significar um caminho para recuperar o que há de melhor na existência humana.

6. A Escola de São Paulo

Um dos resultados importantes a que levou a meditação de Constança sobre a filosofia luso-brasileira foi a identificação de uma Escola de São Paulo. O reconhecimento de um vínculo luso-brasileiro, como um laço de duas tradições nacionais dentro da grande tradição ocidental, já fora reconhecido por António Bráz Teixeira e António Paim à frente de um grupo de pesquisadores. Constança Marcondes César foi além, ela elaborou um trabalho criativo e de grande relevância intitulado *A Escola de São Paulo*, publicado em Lisboa, pela Imprensa Nacional, ano de 2000, com 254 p. No núcleo dessa Escola a figura de Vicente Ferreira da Silva.

Ferreira da Silva é um autor importante para a filosofia brasileira. Podemos destacar dois estudos fundamentais para entender o seu legado: o de Elyana Barbosa, *Vicente Ferreira da Silva - uma visão de mundo*, Salvador: UFBA, 1975 e um texto inovador de Constança Marcondes César denominado *Vicente Ferreira da Silva - trajetória intelectual e contribuição filosófica*. Campinas: 1980.

Sobre Ferreira da Silva, Constança elaborou vários trabalhos dos quais é preciso recordar a comunicação *Liberdade e reconhecimento*, onde ela detalhou (Cesar, 2013, p. 273): “o percurso evolutivo da ética de Vicente Ferreira da Silva, da fenomenologia existencial à hermenêutica.” Mesmo sem ele ter feito um texto especificamente dedicado à ética, Constança encontrou no autor essa preocupação. Ela descobriu em seu pensamento fenomenológico-existencial (id., p. 274): “uma leitura crescentemente original, inspirada no romantismo alemão e em Heidegger, do significado da liberdade, do reconhecimento de sua vinculação com o tema do sagrado e com o exame crítico de nosso tempo.” Esse estudo lhe permitiu concluir que o pensador brasileiro deixou contribuição notável sobre o assunto (id., p. 285): “sua tematização da liberdade e reconhecimento antecipa a ressurgência desses tópicos em alguns dos mais significativos autores contemporâneos.”

Uma análise mais completa das ideias de Vicente foi feita por Constança Cesar na obra *A Escola de São Paulo* (2000) onde se pode conhecer melhor sua filosofia. Na obra observamos que o filósofo tinha um pensamento de cunho existencial, aberto a uma matriz gnosiológica sustentada no mito e que segue um caminho diferente da filosofia culturalista. Constança atribuiu à Escola de São Paulo um papel tão importante quanto ao da escola culturalista na construção da filosofia brasileira contemporânea.

O ponto de partida desta escola foi a obra de Vicente Ferreira da Silva que entendeu a cultura como o produto de um arquétipo primordial, melhor revelado pelo mito do que por uma formulação estritamente racional ou ontognosiológica, para usarmos a expressão consagrada por Miguel Reale. A contemporânea filosofia brasileira conta ainda com fenomenólogos como Machado Neto e Creusa Capalbo e existencialistas como Emmanuel Carneiro Leão, que tratou do desvelamento do ser pela hermenêutica; Vicente Ferreira da Silva, ocupado com a busca de uma verdade do ser, Gerd Bornheim e Ernildo Stein, voltados para a criação de uma ontologia da finitude. Deles lembramos os nomes e a temática.

Na avaliação de nossa filósofa, o pensamento de Ferreira da Silva alcançou densidade especulativa no diálogo que estabeleceu com os filósofos portugueses Agostinho da Silva, Eudoro de Souza e Delfim Santos. Ela escreveu (Cesar, 2000, p. 11): “O polo deste diálogo foi a recuperação dos mitos gregos nas perspectivas de Eliade, Kerényi, W. Otto. É a busca de nossa mais profunda raiz espiritual, a tradição grega, que marca o ponto de encontro destes autores.”

Na tentativa de oferecer uma sustentação hermenêutica a essa hipótese interpretativa, Constança procedeu a um cuidadoso estudo dos integrantes da Escola. A comparação entre as filosofias de Ferreira da Silva e a dos autores à sua órbita é minuciosamente elaborada. Ela apontou em todos eles a preocupação com a cultura grega, momento fecundo da história humana, destacando o tema da vida e da beleza, que aparecem como paradigmas da Grécia Antiga.

Constança comentou a obra de Agostinho da Silva e examinou seus temas marcantes: o contraponto entre o conformismo proclamado pela ética tradicional e a busca da liberdade (A parábola da mulher de Loth), a elevação espiritual nascida do processo como elemento fundamental de melhora qualitativa da sociedade (Pólicles), a disputa interior do homem representado pelo dilema de viver entre o caminho da virtude e o do vício (Apólogo de Pródigo de Céus), o amor à arte, à filosofia e à matemática é

proposta como forma de libertação das formas e de conferir sentido à existência (Conversação de Diotima) e o sacrifício, a lealdade e a democracia propugnados como formas de sabedoria (Diário de Alcestes). É justamente no exame dessa obra do filósofo português que Constança revelou seu propósito de aproximar temática e hermeneuticamente essas ideias com as de Ferreira da Silva. É esse procedimento de que se valerá para focar os pontos de convergência e de divergência entre Ferreira da Silva e seus mais próximos interlocutores.

Constança observou que a reflexão sobre o sentido ético da existência, a preocupação com o sacrifício próprio do esforço criador, suscitou em Agostinho a preocupação com a solidão. Esse foi também um tema caro a Vicente. Em outra oportunidade, ao traçar um retrato intelectual de Vicente, Agostinho da Silva, ela encontrou um pensador em continuado debate com o mundo (id., p. 16): “imerso no silêncio e na nulidade do absoluto valor, companheiro e só, ponto sem dimensões e a todo o espaço extenso”. A preocupação de Vicente, registrada por Agostinho, encontra-se também nele, pois ele igualmente estava preocupado em aliar a profundidade da reflexão com o sentido ético da existência.

Eudoro de Souza, autor de *Duas perspectivas de helenidade*, aproximou-se de Agostinho da Silva no uso da filosofia como caminho da teologia. Entre 1945 e 1946, publicou artigos nos quais se aproximou de Ferreira da Silva. Neles, Eudoro destacou a importância do mito como revelador mais eficaz da realidade fundamental. Declarou que a mitologia foi veiculada através da poesia, instrumento na descrição do mundo depois que os mitos perderam a força ritual para se apresentarem sob a verbal. Foi Schelling a fonte comum inspiradora de Eudoro e Vicente, asseverou Constança. Assim abriu um diálogo desses autores com o idealismo alemão.

Tendo como pano de fundo o fenomênico religioso, Eudoro teceu uma concepção de mito para onde convergem diversos ramos do saber humano, entre os quais a antropologia, a história e a psicologia. Os mitos reúnem a experiência do divino na transcrição verbal do que antes era puramente ritual. Portanto, o mito, tanto quanto o rito, exprimem o encontro do homem com os deuses, um encontro que não se mostra na linguagem discursiva de forma adequada. Assim, concluiu Constança, Eudoro apresentou o dizer mítico e poético como estratégia para (id., p. 19): “criar nova expressão, nova visão do mundo”. Aqui ela identifica outro ponto de convergência com Ferreira da Silva, também ele compreendeu a mitologia como *poiésis* do ser.

Qual a nossa dificuldade em meio a tais referências primordiais? O mundo do mito estava possuído pelos deuses, figuras que nosso tempo colocou fora do horizonte humano ou pôs em fuga, segundo a expressão consagrada por Heidegger. A fonte de Eudoro é a mesma de Vicente, e ambos concluem que a humanização do homem esteve associada ao percurso de abandono do sagrado e do divino.

Essas semelhanças, se já são suficientes para mantê-los próximos, não esgotam as convergências entre Eudoro e Vicente. Para ambos, o corpo humano é revelador de uma expressão transcendente, da qual a poesia deixa ver os vestígios. A poesia é para ambos os pensadores a forma mais direta de revelação do ser, cronologicamente anterior e mais direta que o texto discursivo consagrado pelos filósofos.

No esforço por retomar a forma poética do mito originário, subordinado ao pressuposto de que as imagens plásticas do poema falam por si, Eudoro examinou a noção de morte órfico-pitagórica e platônica e concluiu que a filosofia prepara o homem para a morte. Também nisso se aproximou de Ferreira da Silva, que proclamara ser a meditação sobre morte o desembocar inevitável da meditação.

A descoberta do mito originário permitiu a Eudoro avaliar o homem moderno de modo muito severo. E a crise veio daí, perdeu-se de vista a origem e, como resultado, ficou o homem sem horizontes. É este que pode ressurgir com a crítica desferida por Eudoro, tanto quanto Vicente, interessado em fazer esgotar a experiência desse homem nascido do denominado mito humanista.

Em torno de Vicente circularam, ainda, outros intelectuais que mantiveram com ele diálogo profundo e criativo. Como sua esposa Dora Ferreira da Silva, Adolpho Crippa e Gilberto Kujawski. Dora, por exemplo, era uma artista que encontrava no diálogo com a filosofia de Vicente uma forma de expressar o que de melhor havia no homem. Certa feita, referindo-se ao canto X da Sonata 23 de Beethoven, no seu último livro disse (Cesar, 2021, p. 340); “que ela leva a descobrir uma plenitude serena, que é salvação, vida, visão suprema.” Isso porque comentou Constança, Dora (*ibidem*): “dialoga com a música, na qual o artista se convertera – e que a arrebatava. O arrebatamento a conduz a um limiar, onde a vida e a morte esbatem sua oposição.”

Todos esses pensadores, cada um do seu jeito, se apoderam da noção de mito e *poiésis* divina cuja experiência permite descrever o mundo. E assim, avaliou Constança, esses diálogos levam à (id., p. 27): “essência da linguagem, para Vicente, como para Eudoro, a partir de Heidegger, que é fundar um mundo; é uma *Ur-poesi* dos

mitologemas, cantos e rituais, que estão na base do ciclo da civilização”. Vicente, Eudoro e Agostinho se encontraram neste projeto de construir uma nova hermenêutica, fazendo isso valendo-se da fenomenologia contemporânea.

Esse roteiro teórico iluminou as investigações de Adolpho Crippa e Gilberto Kujawski que se voltaram para o exame da cultura, vendo-a respectivamente como expressão de símbolos, modelos originais e exteriorização do arquétipo original. Essa motivação os vincula a Vicente e faz deles (id., p. 28): “a ressonância mais direta do pensamento de Ferreira da Silva”.

Miguel Reale também esteve próximo de Ferreira da Silva, menos pelo que pensavam, mas porque ambos apoiavam fortes instituições de cultura e trabalharam juntos para o fortalecimento do *Instituto Brasileiro de Filosofia* e da *Revista Brasileira de Filosofia*.

7. Considerações finais

1. Ao destacar nos estudos de Constança Marcondes Cesar sobre a filosofia europeia contemporânea, a obra que ela dedicou ao estudo do filósofo Evangelhos Moutsopoulos, tem um significado especial. Podemos dizer que ela acompanha a tese de que a filosofia brasileira é parte de uma grande tradição que merece ser estudada. No livro sobre o culturalismo grego, Constança o comparou ao culturalismo brasileiro, que também se liga à mesma fonte inspiradora: o neokantismo alemão. A análise permitiu-lhe identificar proximidades e diferenças entre as duas escolas. No que há de comum entre os dois culturalismos está: o reconhecimento do valor ecológico, o tomar a cultura como expressão de valor e dos fins específicos da existência humana, o reconhecimento de que a raiz do ocidente está nas civilizações clássicas do mediterrâneo, o sentido histórico da vida, a importância da filosofia como elemento de superação das crises, a autonomia do componente espiritual da cultura. Entre os pontos de afastamento: o papel do cristianismo na formação da cultura universal ao lado da forma de pensar grega e organização jurídica romana mais própria no culturalismo brasileiro; o entendimento de que a história só deixa ver uma direção axiológica, não se podendo interpretar racionalmente o seu curso histórico; a abertura maior ao significado do futuro no culturalismo brasileiro, inspirado na contínua identificação de invariantes axiológicos; a noção de civilização como unidades do movimento cultural proposta pelo culturalismo

brasileiro. A oportunidade de perceber filosofias culturalistas com encaminhamento próprio e raiz comum mostra que se pode percorrer trilhas singulares nas filosofias nacionais, mesmo quando se tem uma tradição filosófica comum.

2. A obra de Constança Cesar sobre os autores brasileiros é extensa, mas sua contribuição mais destacada nesse campo está no livro *O grupo de São Paulo*, que, para ela, teria se formado ao redor do pensamento de Vicente Ferreira da Silva e que teve como interlocutores filósofos portugueses que viviam no país: Agostinho da Silva e Eudoro de Souza, como indicamos na síntese do livro. Esse livro coroou sua participação nos Colóquios Luso-brasileiros de Filosofia, que ao longo de três décadas, sob a orientação do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira e dos eventos realizados na UFSJ no Brasil sistematizaram as pesquisas sobre a Filosofia Brasileira no período. Uma síntese do livro foi apresentada no *V Colóquio Tobias Barreto* realizado em Lisboa. Ali a pesquisadora se referiu ao grupo de São Paulo como (Cesar, 2001, p. 37): “um momento privilegiado do pensamento brasileiro e um diálogo profundo, um reconhecimento de estreito parentesco espiritual entre pensadores dos dois lados do Atlântico, cuja pátria maior foi um certo modo de fazer filosofia.” No livro propriamente dito é que se faz o aprofundamento do diálogo de Vicente, Eudoro e Agostinho. Constança identificou uma forma diversa de enxergar a cultura e explicar o significado do pensar numa perspectiva transcendente, diversa daquela consagrada pelo culturalismo brasileiro de inspiração neokantiana. Como explicação da vida humana e seus desafios cuidou de examinar a matriz originária comum aos diferentes povos que produziram tão variadas formas de cultura. A análise de Constança notou que a proposta não esclarece o que as diferencia entre si na fascinante e instigadora história humana que produziu culturas tão variadas. O estudo feito por Constança Marcondes César desses autores lançou luz nos rumos adotados pela filosofia brasileira que, quer pelo diálogo com pensadores portugueses, quer pelo recurso de se valer dos gregos, encontra-se inseparavelmente vinculada à tradição ocidental de pensar, tese aliás dos filósofos culturalistas.

3. A preocupação com a crise de cultura que foi considerada tanto pelos autores da escola de São Paulo, como por culturalistas como Reale, Constança já enxergara na filosofia de Antero de Quental. No escritor lusitano ela já encontrou o diálogo entre a poesia e a filosofia que Heidegger observou fazerem parte de um mesmo tronco na abordagem da questão essencial da Filosofia. Assim, o livro de Antero, *Tendências*

gerais da filosofia na segunda metade do século XIX entrevê a crise de cultura e aposta numa saída pela redescoberta do humanismo. De certo modo, é o caminho que ela seguiu em vários de seus trabalhos. Ela comentou a respeito (Cesar, 2011, p. 303):

Antero, a nosso ver, antecipa e sintetiza, nos seus escritos, a grande problemática que encontrará em Husserl e Heidegger, no início do século XX, alguns de seus expoentes: a discussão da crise de razão, que só pode ser ultrapassada por uma meditação que examine, em profundidade, a finalidade da vida humana, sua eticidade e liberdade.

Referências

- BARROS, C. E. C.; CESAR, C. M. A pessoa no seu aspecto essencial e funcional ou sujeito de direitos? In: CELLA, J. R. G.; GÁMIR, M. C. E. (Org.). *III Encontro de Internacionalização do CONPEDI*. Madrid: Ediciones Laborum, 2015. p. 55-75. Disponível em: <<http://www.conpedi.org.br/wp-content/uploads/2016/03/Vol.-7-Madrid.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2016.
- CARVALHO, José Mauricio. *Contribuição contemporânea à História da Filosofia Brasileira: Balanços e Perspectivas*. Londrina; EDUEL, 2001. 605 p.
- CARVALHO, José Mauricio de. *Miguel Reale: ética e filosofia do direito*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2011. 224 p.
- CARVALHO, José Mauricio de. *O enigma do inconsciente e a força da subjetividade*. Porto Alegre: MKS, 2022. 168 p.
- CESAR, Constança Marcondes. A metafísica de Tobias Barreto. *Atas do I Colóquio Tobias Barreto*. p. 103-105. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- CESAR, Constança Marcondes. Silvio Romero e a escola do Recife. *Atas do III Colóquio Tobias Barreto*. p. 299-312. Lisboa, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1996.
- CESAR, Constança Marcondes. A hermenêutica de Miguel Reale. p. 239-246. In: *Atas do IV Colóquio Tobias Barreto*. Viana do Castelo: Instituto de Filosofia Luso-brasileira; 1998.
- CESAR, Constança Marcondes. *A Escola de São Paulo*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000. 254 p.

CESAR, Constança Marcondes. O grupo de São Paulo. p. 15-37. *Atas do V Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 2001.

CESAR, Constança Marcondes. *Filosofia da cultura grega - Contribuição para o estudo do pensamento neo-helênico contemporâneo*, Aparecida: Ideias e Letras, 2008.

CESAR, Constança Marcondes. Antero de Quental: ética e epistemologia. p. 294-303. *Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: UFSJ, jul./dez. 2011.

CESAR, Constança Marcondes. Liberdade e reconhecimento. p. 273-288. *Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: UFSJ, jul./dez. 2013.

CESAR, Constança Marcondes. A filosofia do direito em Aquiles Cortes Guimarães. p. 371-378. *Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: UFSJ, jan./jul. 2015.

CESAR, Constança Marcondes. Celso Lafer e Hannah Arendt: um diálogo. p. 233-241. *Atas do XI Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: MIL, 2018.

CESAR, Constança Marcondes. O sagrado cósmico em Dora Ferreira da Silva. p. 341-348. *Atas do XII Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: MIL, 2021.

Recebido em: 01/05/2025

Aprovado em: 25/06/2025